

A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL NO AMAZONAS

DIAS, Luana Cristina dos Santos¹
CRUZ, Jocilene Gomes da²

Resumo: Este estudo teve a intenção de refletir sobre a valorização da diversidade cultural indígena no âmbito do ensino formal. O *locus* da pesquisa foi o Colégio Amazonense Dom Pedro II, localizado no Centro Histórico da cidade de Manaus, no estado do Amazonas-Brasil. A pesquisa objetivou analisar os conteúdos e as metodologias utilizadas na escola, referentes à cultura dos povos indígenas e das populações tradicionais. Teve-se, ainda, o propósito de verificar as contribuições dos conhecimentos apreendidos em sala de aula para o fortalecimento da identidade cultural e, conseqüentemente para o Turismo Cultural. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa e elegeu-se como método de Estudo de Caso para a coleta de dados. Os resultados obtidos mostram que no ambiente escolar ainda se notam ações pedagógicas fragmentadas e repletas de estereótipos, desconectadas da realidade dos povos indígenas e das populações tradicionais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Escola, Diversidade Cultural, Cultura Indígena, Turismo.

INTRODUÇÃO

O espaço escolar é fundamental para discussões sobre a diversidade cultural brasileira, sobretudo, acerca dos povos indígenas, deve-se estimular o estudante a reconhecer a relevância da cultura indígena para o Brasil e para cada um dos brasileiros, pois trata-se de uma cultura rica em crenças e costumes reconhecidos pela Constituição Federal de 1988 nos artigos 210 § 2º, e 231.

No âmbito do Turismo, a valorização e a promoção da diversidade cultural são importantes, sendo a cultura local, por si só um atrativo. A educação escolar, voltada para a valorização do patrimônio cultural deve levar os estudantes a apreenderem a cultura como elemento de construção da sociedade, bem como viabilizar a descontinuação do preconceito. A metodologia deve estar baseada na valorização

¹ Mestranda em Ciências Humanas – Teoria, História e Crítica da Cultura pela Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. Bacharela em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. *E-mail:* diasluanacristina@gmail.com

² Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil (2015). Professor da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Brasil. *E-mail:* jocilene.am@gmail.com

cultural, primando em abordagens críticas e reflexivas. Por esse prisma, considera-se a relação intrínseca entre a formação escolar para a valorização da identidade.

Nesse contexto, desenvolver na escola discussões sobre a diversidade cultural propicia ao estudante conhecimentos acerca de suas origens e do lugar onde vivem, permitindo uma nova visão, fazendo-o compreender de maneira mais aprofundada. Acredita-se que esse aprendizado ultrapassa os limites da escola e o segue por toda vida, assim, trata-se de um aprendizado efetivo capaz de promover a cidadania, conhecendo e valorizando a contribuição que os povos indígenas representaram e ainda representam na formação do povo e da cultura brasileira.

O local escolhido para realizar a pesquisa foi uma instituição pública de ensino, o Colégio Amazonense Dom Pedro II, situado no Centro Histórico da cidade de Manaus, capital do Amazonas. Em 2017 o Colégio completa 148 anos e está associado ao patrimônio histórico cultural de Manaus. Neste estudo fez-se uma reflexão sobre a relação entre cultura e turismo, tomando como foco a valorização da identidade e o papel da educação formal nesse processo tendo como objetivo: Analisar como a cultura indígena é abordada no Colégio Amazonense Dom Pedro II.

1.1 ABORDAGEM DA CULTURAL INDÍGENA NA ESCOLA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O TURISMO CULTURAL NO AMAZONAS

No contexto atual é possível constatar que a cultura indígena é vista de forma pejorativa e preconceituosa. A imagem do indígena continua presa à visão construída pelo colonizador, a qual o coloca como um ser primitivo a ser assimilado pela cultura civilizada. Um pensamento equivocado, porém amplamente difundido e reforçado no interior de muitas escolas, universidades e entre a população brasileira, de modo geral.

Paralelamente a imagem do “índio primitivo” está a visão do “bom selvagem”. Ramos (1995) assinala que alguns escritores, ao retratarem os povos indígenas, expuseram um sonho nacionalista ao romantizar as narrativas sobre a temática indígena, pois seria mais interessante lidar com um “índio” idealizado, do que compreender o “índio real contemporâneo”. Na análise da autora é difícil visualizar o protagonismo indígena, sendo perturbador aos olhos da população, por exemplo, a luta e a busca dos povos indígenas, nas entidades de governo, por soluções dos problemas enfrentados nas aldeias e nas comunidades criadas nas cidades. Esse “índio” estaria além do real, na verdade seria um “índio hiper-real”.

Com base na autora, considera-se a romanização indígena presente nas narrativas observadas, a exemplo, nos livros “O Guarani” e “Iracema”, ambos do autor José de Alencar, uma demonstração de um contexto irreal do cotidiano indígena. Nesses romances, o heroísmo e a beleza são conteúdos coadjuvantes quando comparados às verdadeiras questões indígenas, como a luta por território. Infelizmente, essa literatura é amplamente utilizada na escola, o agravante não é a literatura em si, mas a ausência de uma discussão crítica e reflexiva sobre a cultura indígena na contemporaneidade.

O longo processo de colonização não dizimou a diversidade cultural no Brasil, os impactos foram muitos, contudo, hoje os povos indígenas resistem e lutam por suas culturas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) que realizou o Censo no ano de 2010, a população indígena brasileira possui mais de 800 mil indivíduos, cuja maior parcela deste número encontra-se no estado do Amazonas com uma população autodeclarada indígena de 168,7 mil indivíduos, representando 20,6% da população total de todo o território brasileiro.

Esse cenário é relevante sob o ponto de vista do Turismo, uma vez que se acredita no potencial turístico associado tanto ao patrimônio natural - da fauna, flora e recursos hídricos abundantes e de grande apelo contemplativo, quanto do patrimônio cultural constitutivo dos diferentes povos indígenas, populações tradicionais e todo um arcabouço histórico construído no período áureo da borracha.

A cidade de Manaus está na lista dos destinos mais importantes do Turismo Cultural no Brasil, isso é possível pela riqueza do legado arquitetônico da época áurea do Ciclo da Borracha na região e também pela presença da cultura indígena. Esse contraste entre a sofisticação do patrimônio edificado e a simplicidade dos traços indígenas, constituem a diversidade de atrativos turísticos na região.

É importante assinar que, a difusão da cultura manauara, a partir dos monumentos históricos sofisticados do período áureo da borracha, obscurece a existência e a importância das classes menos favorecidas no processo de desenvolvimento da região, a exemplo, das populações migrantes provenientes de outros estados do Brasil para a extração da borracha, assim como a presença significativa dos povos indígenas. Pois, como assinala Barreto (2000) a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla do que é percebida, incluindo os bens tangíveis e os intangíveis, as manifestações artísticas e todo o fazer humano. Portanto, o patrimônio cultural edificado com traços da cultura europeia é relevante para o turismo no Amazonas, da mesma forma o patrimônio cultural dos povos indígenas.

Para o MTur (2006), o desenvolvimento do Turismo Cultural deve ocorrer para a valorização e promoção das culturas locais e regionais, preservação do patrimônio histórico e cultural, geração de oportunidades de negócios e, sobretudo, respeito os valores, símbolos e significados dos bens materiais e imateriais da cultura para as comunidades.

Desenvolver o Turismo voltado para os valores culturais implica em proporcionar ao visitante uma visão diferente do patrimônio, de modo a envolvê-los para que possam conhecer e compreender a cultura visitada. Essa experiência não é interessante se estiver restrita apenas ao visitante, a própria comunidade precisa ser estimulada a conhecer seu local de vivência por meio da gastronomia, dança, música, artesanato patrimônio edificado, entre outras manifestações que exprimem a identidade de seu povo.

A escola, enquanto ambiente de aprendizagem, deve viabilizar mecanismos para problematizar os processos nos quais se constroem os conhecimentos. No percurso, incentivar o senso crítico e a convivência entre sujeitos diferentes, por essa razão, ela é também o lugar dos desafios. Na análise de Freitas (2012 p. 28) “não é necessário buscar mundos distantes para vivenciar a experiência de conviver com o “outro”: a sala de aula pode ser - e de fato quase sempre o é - um espaço privilegiado para o exercício da experiência de aprender com a diversidade”.

Para a autora, o comprometimento com a discussão para a valorização da diversidade cultural e a afirmação da identidade são temáticas que merecem ser desenvolvidas em todos os grupos sociais, e na escola não poderia ser diferente, dada a responsabilidade incumbida a ela de capacitar o indivíduo para exercer seu papel de cidadão.

Por esse prisma, as práticas educativas mostram-se eficazes e efetivas para se construir uma sociedade heterogenicamente cultural e socialmente harmônica, pois por intermédio da educação o ser humano é munido desde a infância de conhecimentos esclarecedores acerca do homem e suas peculiaridades, é importante esclarecer como essas peculiaridades interagem e participam dos processos construtores que modificam o mundo, essa é uma questão que não envolve apenas a escola como também toda a sociedade. (CASCO, 2006 *apud* MATOS; MATOS NETO, 2010).

Conforme os autores, é preciso estimular o debate ativa e cotidianamente, não apenas em datas comemorativas, é fundamental, ainda, que a escola busque mecanismos para integrar os alunos considerando suas especificidades. Por meio da interação cultural, da discussão e problematização os alunos seriam incentivados a exercer uma postura

tolerante de respeito e a posicionariam como construtores e propagadores de conhecimento que, ao se somarem, mitigam as diferenças e o preconceito.

Ao analisar o contexto do Colégio Amazonense Dom Pedro II, constata-se que a escola não dispõe de um cronograma fixo de ações e atividades voltadas para as questões culturais, sobretudo àquelas relativas à cultura indígena, e planejadas pela própria instituição, existindo apenas projetos realizados por instituições externas como universidades públicas e particulares e ações do Governo do Estado.

Foi observado que a escola planeja e desenvolve manifestações em datas comemorativas, a exemplo das concernentes ao “dia do índio”, quando se retrata uma visão fragmentada sobre a cultura dos povos indígenas, contrariando os conceitos antropológicos de cultura.

Durante a pesquisa de campo os professores relataram que não utilizam apenas os conteúdos dos livros didáticos, pois existe um planejamento interdisciplinar ligado aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN³), portanto, o livro didático seria apenas um apoio. Ainda, segundo os relatos, a metodologia anual do Colégio se desenvolve por meio de projetos e ações voltados, sobretudo, para a leitura, redação e problemas sociais da atualidade. Ao longo do ano essas ações são revisadas e aperfeiçoadas conforme a necessidade, uma vez que o conteúdo das disciplinas é pautado em temáticas abordadas nas provas e exames realizadas anualmente para o ingresso no ensino superior, dessa forma, a temática da cultura poderia ser abordada de modo mais profundo se estivesse ligada ao conteúdo programático dessas provas.

Apesar dessas observações feitas pelos professores, notou-se durante as entrevistas que as atividades pedagógicas centram-se para a comemoração do “dia do índio”, quando foram realizadas apresentações de danças, rituais, teatro e lendas ao qual se referiam a cultura indígena, além dessa ação voltada para a cultura indígena não havia nenhuma outra planejada para o ano de 2016, até o período da coleta de dados.

Segundo alguns professores até o ano de 2014, no Colégio, havia um evento voltado para a cultura indígena, realizados anualmente com as características de uma feira cultural, bem maior que a comemoração ao “dia do índio”. Como metodologia, dividiam as turmas em grupos, cada um responsável por uma lenda amazônica,

³ Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): São referências básicas para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender. (Inep, 2011).

apresentadas em forma de teatro para a escola e familiares. Para os professores essa era uma importante maneira de trabalhar o interesse pela cultura local.

Com a mudança na programação dos eventos culturais no Colégio, foi desenvolvido um evento voltado para questões culturais, este ocorreu no início do segundo semestre de 2016, a programação é intitulada I Feira Cultural Hispânica do CADPII, visando homenagear a cultura de alguns países hispânicos como Espanha, México e Peru com filmes e documentários, comidas típicas, curiosidades sobre os países, além de sorteios e brindes. Vele reforçar que o conhecimento sobre as culturas do mundo é importante para o aprendizado do estudante, contudo, estes não podem se sobrepor e invisibilizar os conhecimentos sobre a cultura local.

Observa-se que há certa pro atividade dos professores no desenvolvimento de atividades em prol da valorização cultural, alguns desenvolvem projetos ligados as suas disciplinas utilizando livros e vídeos para garantir as discussões sobre a cultura indígena, quando esta não se faz presente no livro didático. Contudo, o parâmetro norteador, utilizado para tratar as questões culturais, ainda se encontra, em parte, alicerçado à romantização e esterotipação dos povos indígenas.

Apesar da importância dessas obras literárias e de seus autores, essa não seria a bibliografia mais indicada para falar sobre a temática cultural indígena atual, uma vez que, o material utilizado no Colégio Dom Pedro II não promove uma discussão e/ou debate sobre as questões indígenas no mundo contemporâneo. Nota-se que os professores se preocupam em trabalhar, na medida do possível, a temática indígena, o fato questionado é se os conteúdos e as metodologias utilizadas são as mais apropriadas para que os alunos entendam a importância da diversidade cultural povos indígenas hoje. Durante as entrevistas observou-se certo “despreparo e/ou desatualização” dos professores diante dessa questão.

A realidade em muitas salas de aula, o comportamento do aluno é reflexo de como a questão indígena é abordada em grande parte das escolas, ou seja, de maneira superficial, sem o aprofundamento necessário para incentivar a discussão e o aprendizado efetivo. Essa realidade é notada, não apenas na metodologia escolar, mas também no meio social do qual o aluno faz parte, não se trata de uma particularidade presente apenas no Amazonas, mas na maioria dos estados do país. Quando se entrevistou os professores do Colégio Dom Pedro II verificou-se que a maioria nunca havia visitado uma comunidade indígena ou ribeirinha, não sabendo que existem várias comunidades nas proximidades de Manaus.

Em relação aos estudantes do colégio, de modo geral, mostraram-se muito tímidos e pouco familiarizados com a temática cultural, alguns gaguejaram muito, mas não por nervosismo ou pressão, mas por insegurança já que davam a resposta desconfiadamente e precisavam sempre de um momento (de até um minuto) para pensar, o que leva a crer que não se trata de um tema abordado com frequência e/ou com a intensidade necessária para ser significativa e representativa em sua formação escolar.

A maioria dos estudantes relatou que a cultura indígena é abordada na escola e que os professores, por vezes, discutem o tema na sala de aula, porém é no “dia do índio”, comemorado dia 19 de abril em todo o país que as manifestações se intensificam, com apresentações, poesias, músicas, teatro organizado pelos professores para a apresentação dos estudantes. Mesmo grande parte dos alunos demonstrando interesse pela questão indígena e vontade de discutir a temática na escola, foi notável que o interesse estava voltado para as lendas e mitos, não para como vivem no mundo contemporâneo. As afirmações que possuem são sempre ligadas a uma imagem do indígena na floresta, retratados em sua nudez e como lendas amazônicas sendo inconcebível a presença indígena na cidade, inserido no contexto social urbano atual.

Na visão dos estudantes, os povos indígenas com seus usos e costumes apresentam certo misticismo, excentricidade que se diferem totalmente dos costumes da sociedade urbana atual, mesmo a cultura indígena se fazendo presente na cidade de Manaus e influenciando a cultura da região, o “índio real” de Alcida Ramos (1995) ainda não é compreendido em sua plenitude. Dessa forma, o indígena inserido no contexto atual, sem os símbolos que os estudantes têm como parâmetros de distinção (entre eles e o “índio”), não aparecem em seus relatos, pois um “índio” sem arco e flecha na mão, se tornou igual, ou seja, um “civilizado”. Tal fato distancia os estudantes sobre a identidade cultural indígena, e consequentemente, da identidade cultural amazônica.

Por esse prisma, constata-se o que já foi dito em páginas precedentes, pautado em alguns teóricos, sobre a persistente romantização indígena imortalizada pelo autor José de Alencar, ou a do bárbaro apresentada pelo colonizador, sendo nessa perspectiva que tradicionalmente a escola reproduz o(s) ideário(s) acerca dos povos indígenas. Por outro lado, a maioria compreende que alimentar-se com peixe assado (tambaqui, na maioria das respostas), farinha, nadar no rio, pescar, andar de canoa, tomar banho diariamente é uma herança da cultura indígena no Amazonas. Estes seriam os elementos identitários herdados dos povos indígenas, portanto, o ponto positivo foi os alunos conseguiram associar seus comportamentos cotidianos com o modo de vida dos povos indígenas.

Porém, alguns estudantes acreditam que as lendas amazônicas, o Festival Folclórico de Parintins (muitos enfatizaram os elementos do festival como símbolos da expressão da cultura indígena regional) são as principais heranças atribuídas aos povos indígenas da região amazônica. Pelas respostas, os estudantes mostraram um conhecimento superficial e uma visão fragmentada da cultura indígena, associando-a a elementos mostrados, sobretudo pela mídia, e fazendo da cultura indígena um elemento folclórico.

De acordo com as respostas, percebeu-se que eles veem no Turismo uma solução para os problemas sociais e econômicos do Amazonas, porém isso não é tão simples quanto parece. O desenvolvimento do Turismo em uma localidade é o reflexo de como a população valoriza o patrimônio, tanto material quanto imaterial. O Turismo Cultural no Amazonas só se tornará ferramenta de incentivo ao aprendizado e a valorização cultural quando a própria população reconhecer a cultura local.

A ausência de conteúdos voltados para a cultura indígena nas escolas dificulta a valorização da identidade local, a qual está calcada na diversidade dos povos presentes na região. Essa realidade observada nas escolas, conseqüentemente, diminui as possibilidades de enxergar o Turismo para além do que ele tem sido no estado do Amazonas, ou seja, limitado à natureza, deixando de incluir a riqueza cultural que o estado possui e que não é reconhecida pela maioria da população.

Desde a educação infantil as manifestações e abordagens sobre a cultura indígena é representada como sendo um elemento folclórico e sem o aprofundamento necessário a proporcionar o verdadeiro aprendizado, essa realidade é repassada continuamente. A abordagem da cultura em âmbito escolar é artigo de Lei em que estabelece a obrigatoriedade do estudo da história afrobrasileira e indígena no ensino fundamental e médio, a Lei foi sancionada em 2008, apenas 508 anos depois da chegada dos europeus no Brasil.

Contudo, para garantir a aplicação efetiva da Lei é dever do Ministério da Educação (MEC) e de toda a sociedade acompanhar e garantir o planejamento e implementação de uma metodologia voltada para suprir essa necessidade no que tange a reavaliação dos livros didáticos, assim como a formação dos professores, com ênfase na diversidade cultural, sua formação e implicações na perspectiva de uma abordagem mais ampla e completa da cultura destacando os povos indígenas e africanos como povos participantes, ativos, tanto no passado quanto no presente na construção e no desenvolvimento do país.

1.1.1 Aspectos culturais trabalhados no Colégio Amazonense Dom Pedro II

No Colégio, por sua representatividade no âmbito educacional de Manaus e por estabelecer um diálogo com a direção e estudantes, torna-se possível constatar que a escola não dispõe de um cronograma fixo de ações e atividades que estejam diretamente voltadas para as questões culturais, sobretudo àquelas relativas à cultura indígena, que sejam planejadas pela própria instituição, porém existem projetos realizados por instituições externas como universidades públicas e privadas.

Foi observado que a escola planeja e desenvolve manifestações em datas comemorativas, a exemplo das concernentes ao “dia do índio”, quando se retrata uma visão fragmentada sobre a cultura dos povos indígenas, contrariando os conceitos antropológicos de cultura, assim como as vertentes pedagógicas que agreguem no ambiente escolar uma discussão sobre a cultura, abordada como matéria de aprendizagem, devendo estar ativa e presente no cotidiano.

Ao questionar sobre a presença de algum indígena matriculado na escola a resposta foi negativa, é inquietante perceber em uma escola do Amazonas que possui pouco mais de 20% de toda a população declarada indígena do país e com quantidade relevante de alunos (cerca de 850 matriculados) não haver sequer um indígena, este é um dado preocupante, pois se reconhece a ausência da inclusão, sendo que essa foi a justificativa para não haver uma maior abordagem da temática indígena na escola.

Quanto a abordagem acerca das ações voltadas para a cultura desenvolvidas no Colégio pode-se destacar o Projeto de Educação Patrimonial: Origens da Cidade de Manaus, desenvolvido pelo Curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Este projeto vem sendo desenvolvido anualmente na escola com o objetivo sensibilizar a comunidade sobre o patrimônio histórico cultural de Manaus, no intuito de valorizar o passado para entender o presente. O projeto proporciona aos estudantes conhecer a história e o patrimônio material e imaterial do Centro Histórico, contexto no qual o Colégio está inserido. O que se percebe é que muitos estudantes não conhecem a história da formação da cidade e a importância que o Centro Histórico representa.

É relevante pensar o Turismo como forma de conscientização e aprendizado, sobretudo para os estudantes que se mostram interessados e dispostos a aprender. As escolas precisam mudar a maneira de ensinar, sair do tradicionalismo e desenvolver novas metodologias pedagógicas, criar parcerias com universidades a fim de transmitir conhecimento de maneira clara, objetiva, divertida e mostrar a aplicação no cotidiano.

Identificou-se ainda que a educação voltada para a cultura indígena não é um ponto prioritário no ensino do Colégio atualmente, foi revelado que este ano houve uma manifestação com os alunos e professores de todas as turmas, nos dois turnos em comemoração ao dia 19 de abril, “dia do índio”, no evento houve envolvimento da maioria dos alunos em apresentações de danças, rituais, teatro e lendas ao qual se referiam a cultura indígena, além dessa ação voltada para a cultura indígena não havia nenhuma outra planejada para o ano de 2016, até o período da coleta de dados.

1.1.2 Percepções dos professores e estudantes do Colégio Amazonense Dom Pedro II sobre a cultura indígena

Foram realizadas entrevistas com os professores das disciplinas de Língua Portuguesa e História, acreditando serem estas relevantes para se ter um parâmetro sobre como é abordada a questão da diversidade cultural, sobretudo da cultura indígena.

De acordo com os professores entrevistados, é importante discutir na escola a cultura indígena, para eles, ministrar conteúdos baseados na realidade da região facilita a exemplificação e compreensão do estudante, além disso, acreditam na necessidade de abordar a temática na escola, pois se percebe que os estudantes pouco sabem a respeito da cultura e sua relevância, sobretudo para o Amazonas.

Sobre a pro atividade dos professores em fomentar o diálogo e atividades voltadas para a valorização cultural, individualmente, desenvolvem projetos ligados às suas disciplinas utilizando livros e vídeos para garantir a discussão sobre a cultura, quando esta não se faz presente no livro didático. Contudo, o parâmetro norteador, utilizado para tratar a cultura encontra-se, em parte, alicerçado à romantização e esterotipação dos povos indígenas como se pode ver na fala dos professores:

Os conteúdos voltados para a cultura, nós utilizamos Castro Alves, com o enfoque para a época da escravidão no Brasil e José de Alencar pelas obras *Iracema* e *O Guarani* que, particularmente, os alunos apreciam bastante (A.C., 2016).

A metodologia que eu mais utilizo nas minhas aulas é voltada para segurar a atenção do aluno através de imagens, gosto de mostrar nossa cultura, os alunos ficam atentos em roupas, danças, comidas típicas e costumes que a nossos olhos são tão diferente (J.S., 2016).

Considera-se que, apesar da importância das obras literárias citadas e de seus autores, essa não seria a bibliografia mais indicada para falar sobre a temática cultural indígena atual, uma vez que, o material utilizado na escola se faz presente uma visão

romantizada, não promove uma discussão e/ou debate sobre as verdadeiras questões indígenas no mundo contemporâneo. Pelo contrário, ela reforça estereótipos e contribui para que os estudantes acreditem na ideia de que entre eles e os povos indígenas não existem características comuns, o que acentua a diferença e fomenta o preconceito.

Durante as entrevistas observou-se certo “despreparo e desatualização” dos professores diante dessa questão apesar da intenção em inserirem a questão indígena nas suas aulas, o que foi notado é que a ação da escola, nesse ponto, não está surtindo o efeito transformador esperado, pois, não há um projeto de capacitação voltado para os professores do Colégio, no sentido de dinamizar e orientar os estudantes a valorizar suas origens e exercer seu papel de cidadão consciente e crítico.

Quando questionados sobre a importância em incentivar o diálogo sobre a cultura indígena com os estudantes os professores acreditam que o tema é imprescindível e deve estar presente na escola. Um professor destacou o receio em ver a cultura indígena como um tema irrelevante para os alunos, como se pode observar na sua fala:

Fico impressionado quando a cultura indígena é pauta nas discussões e o quanto nossos alunos são desinformados, eles falam do tema tão vagamente que parece que estão falando de uma cultura do outro lado do mundo, sendo que é nossa própria cultura (J.S., 2016)

A fala do professor retrata a realidade em muitas salas de aula, a questão indígena é abordada em grande parte das escolas de maneira superficial, sem o aprofundamento necessário para incentivar a discussão e o aprendizado efetivo. Um fato observado é que nenhum dos professores havia visitado uma comunidade indígena ou tradicional, sendo que existem várias comunidades nas proximidades de Manaus, dessa forma se nota a ausência do sentimento de pertencimento da população que acredita que não valoriza os aspectos culturais do seu povo.

A segunda parte das entrevistas, dessa vez com os estudantes, foram realizadas com estudantes do 1º ano, de modo a melhor observar o comportamento dos mesmos diante da questão cultural, sobretudo da cultura indígena.

De modo geral, os estudantes mostraram-se tímidos e pouco familiarizados com a temática cultural, alguns gaguejaram, mas não por nervosismo ou pressão, mas por insegurança precisando sempre de um momento (de até um minuto) para pensar, o que leva a crer que não se trata de um tema abordado com frequência e/ou com a intensidade necessária para ser significativa e representativa em sua formação escolar.

A maioria dos estudantes relatou que a cultura indígena é abordada na escola e que os professores, por vezes, discutem o tema na sala de aula, porém é no “dia do índio”, dia 19 de abril, que as manifestações se intensificam, com apresentações, poesias, músicas, teatro organizado pelos professores para a apresentação dos estudantes.

Mesmo grande parte dos alunos demonstrando interesse pela questão indígena e vontade de discutir a temática na escola, foi notável que o interesse estava voltado para o folclore, para as lendas, como se pode perceber nas falas: “Eu gosto quando os professores falam de lendas”. (Y.C.S.S., 2016) e “Eu sempre aprendo alguma coisa nova nas lendas amazônicas”. (C.T.M.B., 2016). Com essas afirmações percebe-se um conhecimento limitado às informações estereotipadas, sempre ligando os povos indígenas à floresta, como se fosse inconcebível a presença indígena na cidade, inserido no contexto social urbano atual.

Os estudantes afirmaram que conheciam a cultura indígena, porém ao citar o que conheciam foi observada novamente uma visão fragmentada sobre a cultura indígena, conforme se verifica em algumas das afirmações dos alunos destacadas a seguir:

Conheço só algumas coisas. lendas, ocas que são a casa dos índios, cacique que é o líder dos índios, eles também plantam mandioca e fazem farinha” (C.P.S., 2016);
Desenhos no corpo, rituais de passagem, caçar com arco e flecha” (A.T.B.S., 2016);
Lenda da Iara, lenda da mandioca, ocas, arco e flecha e tambor de índio” (Y.C.S.S., 2016);

Para os estudantes, os povos indígenas apresentam certo misticismo, excentricidade que se diferem dos costumes da sociedade urbana atual, o “índio real” de Alcida Ramos (1995) ainda não é compreendido em sua plenitude. Dessa forma, o indígena inserido no contexto atual, sem os símbolos que os alunos têm como parâmetros de distinção (entre eles e o “índio”), não aparecem em seus relatos, pois um “índio” sem arco e flecha na mão, se tornou igual, ou seja, um “civilizado”. Tal fato distancia da identidade cultural indígena, e consequentemente, da identidade cultural amazônica.

Por esse prisma, constata-se o que já foi dito em páginas precedentes, pautado em alguns teóricos, sobre a persistente romantização indígena imortalizada pelo autor José de Alencar, ou a do bárbaro apresentada pelo colonizador, sendo nessa perspectiva que tradicionalmente a escola reproduz o (s) ideário (s) acerca dos povos indígenas.

Foi questionado aos estudantes se eles identificavam alguma herança da cultura indígena que é praticada até os dias atuais, foram destacados os seguintes pontos:

Andar de canoa, comer peixe com farinha e açaí, gostar de tacacá e boi (bumbá) (C.T.M.B., 2016).

Acreditar em boto e cobra grande, comer tambaqui e pirauçu assados, assim como os índios (A.P.M.B., 2016)

A literatura com livros sobre plantas medicinais e lendas (K.S.A.P., 2016).

A maioria dos alunos acredita que o fato de se alimentar com peixe assado (Tambaqui (*Colossoma macropomum*), na maioria das respostas), farinha, nadar no rio, pescar, andar de canoa, tomar banho diariamente é uma herança da cultura indígena no Amazonas, de fato, foram herdados dos povos indígenas, os alunos conseguiram associar comportamentos cotidianos com o modo de vida dos povos indígenas.

Um outro ponto foi acerca da compreensão do Turismo como fator importante para a divulgação da cultura do Amazonas, tanto nacional quanto internacionalmente. Das respostas, destacam-se:

O turista valoriza mais a cultura que o próprio amazonense (T.J.R.T., 2016).

O Turismo é bom para o mundo saber que os índios do Brasil são muito desrespeitados no Amazonas e o governo não liga para os problemas deles (A.T.B.S., 2016).

Divulga nossa cultura para outros países e gera dinheiro para o Amazonas (A.P.M.D., 2016).

De acordo com as respostas dos estudantes, percebeu-se que eles veem no Turismo uma solução para todos os problemas sociais e econômicos do Amazonas, porém isso não é tão simples, o desenvolvimento do Turismo em uma localidade é o reflexo de como a população valoriza o patrimônio, tanto material quanto imaterial. O Turismo Cultural no Amazonas só se tornará ferramenta de incentivo ao aprendizado e a valorização cultural quando a própria população reconhecer e exercer efetivamente seu dever de cidadã ao discutir a questão cultural ativamente, não se pode esperar que o visitante valorize o que a ele não pertence, aquilo que não é parte da sua identidade. É aí que a educação formal se faz importante, é nesse aspecto que os conteúdos trabalhados na escola assumem um lugar preponderante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a abordagem da cultura indígena no Amazonas, em ambiente escolar, ainda é um desafio, pois a maioria das escolas não está preparada para lidar com a discussão para a valorização da cultura e a diversidade cultural além da importância que estas representam, no que tange a formação de cidadãos críticos em relação à sua

identidade cultural. A cultura, sobretudo a cultura indígena, ainda não é priorizada e abordada de forma sistemática no planejamento pedagógico das escolas, ao contrário, ela aparece de forma superficial, repleta de estereótipos e pontual, como se não houvesse a necessidade de abordar a questão indígena cotidianamente em sala de aula.

Este trabalho teve como finalidade conhecer como a cultura indígena é abordada e observar como o posicionamento, a metodologia pedagógica utilizada e os temas trabalhados em uma escola pública no Amazonas influenciam na maneira de como o estudante compreende a dinâmica cultural ao seu redor.

Esta discussão teve como enfoque o Turismo, não de maneira direta, mas destacando-o como um fator de fundamental importância para que o indivíduo valorize sua identidade cultural, à medida que tem a oportunidade de conhecê-la e compreendê-la. Por isso se destaca a relação intrínseca entre a formação escolar, a compreensão e valorização da identidade e o Turismo como ferramenta de mitigação do preconceito e integração cultural, sob o ponto de vista de que discutir e valorizar a diversidade cultural em ambiente escolar, incentivar e promover o desenvolvimento futuro de um Turismo que beneficie toda a sociedade.

No estado do Amazonas, ainda é evidenciado o Turismo de Natureza, cujo atrativo principal são os elementos da biodiversidade amazônica. Trata-se de um tipo de Turismo desvinculado das culturas dos diversos povos indígenas e populações tradicionais que vivem na região. Observa-se uma desvalorização da cultura local, só recentemente podem-se notar algumas mudanças, especificamente com a ampliação das discussões sobre o Turismo de Base Comunitária, quando se passou a falar da relevância das comunidades indígenas e populações tradicionais no contexto amazônico do Turismo.

O Turismo ainda apresenta uma desassociação entre os patrimônios naturais e culturais, como se fossem elementos totalmente diferentes, sem interligação. Entende-se essa realidade, como resultado de uma abordagem voltada para o patrimônio que é oferecida nas escolas, como tendo pouca eficácia que não enxerga no patrimônio cultural um relevante fator competitivo, não apenas sob o ponto de vista da atratividade turística, mas como ferramenta para a mitigação do preconceito.

O patrimônio cultural do Amazonas é rico em potencialidades, considerando que a ausência de conteúdos voltados para a abordagem da cultura, sobretudo da indígena nas escolas dificulta a valorização da identidade local, a qual está calcada na diversidade dos povos presentes na região. Essa realidade observada nas escolas, conseqüentemente,

diminui as possibilidades de enxergar o Turismo para além do que ele tem sido no estado do Amazonas, ou seja, limitado à natureza, deixando de incluir a riqueza cultural que o estado possui e que não é reconhecida pela maioria da população.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia**. – Brasília : MEC/SEF, 1997 Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf> >
Acesso em: 19 de Abril de 2016

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**. [livro eletrônico] Curitiba, Paraná: InterSaberes, 2012

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Moraes. **A temática indígena na escola: Onde está o espelho?** Revista Fórum Identidades. Ano 2, Volume 3 – p. 57 a 65, 2008 Disponível em:
<http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/arq_forum_ind_3/dossie_forum_pg_57_65.pdf>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro, 2012 Disponível em:<
http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf >

MATOS, Luana Silva Bôamorte de; MATOS NETO, Jonas José de. **A Educação patrimonial nas escolas**. P@rtes, São Paulo, 2010. Disponível em
<www.partes.com.br/educacao/educacaopatrimonial.asp>

RAMOS, Alcida Rita. **O índio hiper-real**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. **v.10 n.28 São Paulo jun., 1995**